



ALMADA NEGREIROS

OBRA COMPLETA

Organização

ALEXEI BUENO

Introdução

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA



RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 1997

BIBLIOTECA
LUSO-BRASILEIRA
Série Portuguesa

ALMADA NEGREIROS
OBRA COMPLETA

em um volume

INTRODUÇÃO GERAL

*Nota editorial / Almada Negreiros, letras e artes
Cronologia da vida e da obra
Iconografia*

POESIA

FIÇÃO

TEATRO

MANIFESTOS, ENSAIOS, CRÔNICAS E PROSA DOUTRINÁRIA

APÊNDICE

Bibliografia / Índice geral

Primeira edição, 1997

© 1997, by José de Almada Negreiros

Direitos desta edição para todos os países de língua portuguesa adquiridos pela

EDITORA NOVA AGUILAR S.A.

Rua Dona Mariana, 205 - casa 1 - Botafogo - CEP 22280-020

Rio de Janeiro, RJ

Tel./Fax: 537-8275 - 537-7189

ISBN 85-210-0049-0

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

- N311a Negreiros, Almada, 1893-1970
Almada Negreiros : Obra completa : volume único / organização,
Alexei Bueno ; introdução, José Augusto França. — Rio de Janeiro :
Nova Aguilar, 1997.
1 v. — (Biblioteca luso-brasileira ; Série portuguesa)

Contém dados biobibliográficos.

ISBN 85-210-0049-0

I. Negreiros, Almada, 1893-1970. II. Bueno, Alexei, 1963-. III. Título.
III. Série.

CDD - 869.8

CDU - 869.0-8

A minha mulher e a meus filhos

FIGURAS

1º jovem	O que lê
1ª jovem	A que quer saber
2º jovem	O que comunica
2ª jovem	A que mal sabe que conhece
Pastorinho	O que guarda

O convívio tem acompanhante vitalício, o acompanhante genial: o entendimento.

O timbre da voz, o gesto parecido, a mirada que consente, o ouvir que conhece de longe o perto, são abecedário do entendimento.

Põe aqui o entendimento, todo, inteiro, uma esfera, e a seu lado a inteligência noutra esfera não é senão diversão da primeira esfera, igual.

Sempre me aconteceu o mesmo: terminado o trabalho de uma obra, começara então a inteirar-me do que afinal havia ficado concluído.

A obra que durante a feitura do seu trabalho me pareceu constantemente minha, chegada a final, logo me varria da memória a minha autoria, tornara-a mesmo inexistente, e deixara-me diante dela como diante de autor anónimo que me tivesse precedido.

O que haveria então de meu durante o tempo empregado para a categoria ultimada na obra?

O que haveria? Haveria precisamente o que significa no seu mais amplo sentido a palavra autor. E de meu? De meu, apenas o tempo preciso para finalizar obra.

A parte pessoal do autor conta sempre até ficar paga por outra obra ultimada. Isto é, a categoria da obra mede-se pela inexistência pessoal do seu autor. Obra é sinal. Sinal com particular, caduca, não é sinal. Sinal é para acto. Em acto é que vive pessoal.

Vou dizer-te o que não ficou escrito na Hierarquia. Para ti, ó hierárquico, é novidade.

Ora, há duas espécies de novidades: a do que foi esquecido e a do que nunca foi conhecido.

Em realidade, ambas são esquecimento, imperdoável para imortais.

Sabes a quem se deve a nascença de Atena?

Não! não foi ao cobridor. Nem sequer houve fêmea para macho cobrir.

A Efaisto? Tão-pouco. Ele vem depois da ideia-causa. Ele faz apenas de não-falta da tua falta.

E a quem se deve então Atena?

Lembras-te, Zeus omnipresente, do que significa o nome Prometeu?

Lembro-te eu? Prometeu: o precavido. Precisamente o que tu não foste, ó divindade imortalmente omnisatisfeita: Precavido:

Eu próprio nasci imortal a teu lado por deficiência tua em precaução.

Como podia Homem em Terra ser precavido se para mortal não havia nada tal que lhe correspondesse em imortalidade?

Ao que não é precavido tudo lhe acontece em achar-se roubado, e fica mão-leve para castigos pesados, e põe erro a tudo, e é tão extensa a lista dos castigos que parece autoridade.

O autor de *Aqui Cáucaso* vem apresentando a sua já vasta obra, umas vezes em pintura, outras em verso, outras em teatro, e ainda noutras manifestações de arte, evidenciando deste modo um caso pessoal, que é afinal precisamente o que ele nega, afirmando “não fazer senão cumprir o mundo da arte, no qual vive, e do qual outros foram afastados cruelmente, pois é cruel afastar cada um do que a nascença lhe dá virgem: sentir e mental, este duo separado cujo informe e brutidade iniciais é só ao próprio vir deslindar”; é afinal um verdadeiro caso pessoal, pois é mais invulgar do que pareceria possível, não especializar-se em nenhuma das artes e entretanto não actuar nunca fora do mundo de Arte.

Ele o diz: “Como os cinco sentidos físicos são a aparência da Unidade individual humana, assim as determinadas várias artes são os sentidos da Unidade Arte”. E depois: “Que pinte, que escreva, versos ou teatro, estudos ou diversão, não os reconheço senão ao espelho da aceitação que tiverem anonimamente. Sem este espelho não me seria possível encarar a coerência e probidade minhas. Se fosse especialista cultor de determinada arte não ficaria evidente a sua aceitação anónima, confundida com a embaraçante aceitação conhecedora ou erudita, facilmente logo interessadas fora de Arte.”

E ainda: “Como diz incomparavelmente Georges Braque traduzindo textualmente o silêncio do Homem, *depois de certo tempo a vida e a arte são uma e a mesma coisa*, não significa que entretanto sejam trasladáveis de uma para outra, o da vida e o da arte. Não são trasladáveis, e quando equivocadas de lugar, resultam conflito onde não existe senão oposição.

Aqui, o exemplo mais categórico é o da palavra Liberdade. O seu significado, e até o profundo do seu significado é o mesmo na vida e na arte. Em ambas o significado é futuro à palavra, a qual absorve e torna preciso o significado de esperança.

Mas acontece (cada coisa não dispensa o modo como ela é coisa), acontece liberdade não ser senão a conquistada por próprio. Esse exercício vai facilitado em arte, apenas facilitado, enquanto a vida aguarda de arte a decisão de acto.

Sobejamente se entende, nesta pergunta vida-arte, a vida precipi-

tar-se ao que não compete à arte senão conceituar. E acontece o pior, o contraproducente: a precipitação da vida desvirtua o conceito em arte. Toda a precipitação é espontaneidade, espontaneidade não-válida afinal, espontaneidade precipitada, pois que sendo rudimento de legítima espontaneidade o que vai fazer poder em liberdade, esta é, por excelência, o exemplo cúmulo de não-espontaneidade. Isto é, se a liberdade não fosse, também por excelência, o acto-puro, a única falta que não se lhe permitiria seria a de vir intempestiva.

Daqui resulta a liberdade ser insuportável. Insuportável por ser lucidíssima e não em acto. Não esta pronta. Não está pronta a tempo. E completamente à vista. À mão de semear. Insuportável por a solidariedade, a fraternidade terem várias versões, várias ideologias, isto é, interesses, utilidades várias. Insuportável por não ser possível legislar que a multidão se ajeite para que passe um só para liberdade que lhe é privativa, dele. Insuportável por liberdade não se entregar a quem a ela não se der, todo, não só no querê-la, mas também no estar para ela, todo, incondicionalmente.

Insuportável, por ser desmedidamente mais cómodo e possível de ser-se o herói pela liberdade, do que ser-se o modelo de como ela iluminará unanimemente, todos e cada um.

Insuportável por minimizada e precisamente por aqueles que trazem suspensão a oportunidade do seu imediato.

ACTO ÚNICO

(Um rochedo no cume de um monte. Ouve-se vir chegando a guizalhada de um rebanho. Até que passa o grande rebanho. Entretanto na mesma voz, (pastor de rebanho) de espaço a espaço, diz os nomes de personagens mitológicas...)

— Zeus... Apolo... Hermes... Dionísios... Eros... Psique... Kárites... Afrodite... Atena... Musas... Prometeu... Prometeu... Prometeu...

que se ouvem ainda depois de passado o rebanho. / Muito depois chega um jovem alpinista. Fatigado mas vitorioso por atingir o cume. Sobe ao rochedo, volta-se para onde veio e levanta um braço, gritando para baixo:)

— Eureka!

(E maravilhado começa a olhar em redor.)

— Maravilha!

Maravilha das maravilhas!

O mais remoto e o actual, de mãos-dadas, ambos à nossa mão!

Aqui a unidade não se divide.

Aqui a unidade é.

(Entretanto chegou outro alpinista, uma jovem tão fatigada que apenas pode ir deitar-se no rochedo. / Primeiro alpinista continuando:)

— Aqui Cáucaso! A rocha de Prometeu!

(Aponta à esquerda.)

— Oriente.

(À direita.)

— Ocidente.

(Ao fundo.)

— Norte.